

CAROLINA MICHAËLIS E A LÍRICA GALEGO-PORTUGUESA

A contribuição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos para o conhecimento da lírica medieval galego-portuguesa é de tal forma reconhecida que poderia parecer desnecessário explicitá-la. Na verdade, nenhum trabalho sobre a lírica medieval galego-portuguesa, ainda hoje, 75 anos depois da sua morte, deixa de mencionar como ponto de partida os seus pioneiros e fundamentais estudos, seja para confirmá-los seja para refutá-los, integral ou parcialmente. A edição do *Cancioneiro da Ajuda* – que em breve, no ano 2004, completará 100 anos e que na edição da Imprensa Nacional/Casa da Moeda de 1990 inclui também o *Glossário das cantigas*, publicado inicialmente na *Revista Lusitana* em 1920 –, é ainda hoje a pedra sólida sobre a qual se devem elevar quaisquer estudos de edição de texto, identificação de autoria e biografia de trovador ou jogral, estabelecimento de relações dialógicas entre textos e autores, situações históricas ou questões pertinentes à língua galego-portuguesa usada pelos trovadores. Com razão se usa frequentemente o adjetivo “monumental” para qualificar essa edição, pois além do trabalho admirável de organização das composições e identificação dos seus autores, da edição dos textos com resumos em alemão que ocupa o primeiro volume, contamos ainda com o manancial informativo que preenche as mais de mil páginas do segundo volume, dedicado “às investigações bibliográficas, biográficas e histórico-literárias”. Com certeza podemos dizer que a publicação dessa obra constitui um *turning point* na história do conhecimento da lírica medieval galego-portuguesa. Por si só, justificaria que a comunidade de estudiosos rendesse à sua autora uma agradecida homenagem.

No entanto, algumas das questões que foram tratadas no segundo volume do *Cancioneiro da Ajuda* mereceram ainda da sua inesgotável curiosidade e exaustiva exigência uma discussão mais pormenorizada, como ela mesma o declara na Introdução à segunda das *Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch*, publicadas entre 1896 e 1905 na revista alemã *Zeitschrift für romanische Philologie*. Nessa mesma Introdução, anuncia o aparecimento de 32 estudos que intitulava

modestamente “glosas marginais”, dedicados a assuntos pontuais colocados pela produção cancioneril galego-portuguesa. Infelizmente, das 32 previstas, só apareceram 15. Mas essas 15 constituem um corpo extraordinário de análise de algumas questões textuais, biográficas e histórico-culturais que ainda hoje solicitam a atenção de estudiosos: por exemplo, a polémica das amas, a produção lírica profana de Afonso X, a geografia da origem e difusão da lírica trovadoresca na Península Ibérica etc.

É extraordinário, porém, que esses textos, indispensáveis que são a todos os estudiosos da lírica galego-portuguesa, não tenham ainda sido traduzidos para o português e que sejam mesmo de difícil acesso material, por terem sido publicados numa revista alemã – prestigiosa e séria, embora, como não podia deixar de ser – mas de reduzida circulação no mundo, mesmo universitário, dos estudos galego-portugueses. Essa dificuldade de acesso, acrescida à ausência de tradução, pode ter efeitos danosos sobre o conhecimento, minimizando, distorcendo ou mesmo impedindo a utilização de análises e de resultados já apresentados por Carolina Michaëlis nesses alentados artigos cujo conjunto quase alcança as 400 páginas.

Só para dar uma ideia dos problemas que esse estado de coisas pode causar, gostaria de acompanhar brevemente o tratamento de um dos temas preferidos da filóloga berlinense, ao qual dedicou a sua primeira *Randglosse*: o “processo da ama”, como ela mesma traduziu o título alemão “Der Ammenstreit” (*CA*, II, 82), ou “o escândalo das amas e tecedeiras”, como se tornou conhecido depois de Rodrigues Lapa, ou ainda “a polémica” ou “o ciclo das amas”. E posso falar desse assunto sem constrangimento, porque eu mesma me ocupei do assunto uma vez e devo confessar que naquela altura (1983) não pude consultar o referido estudo de Carolina Michaëlis.

O texto, publicado em 1896 como o primeiro das *Randglossen*, é um longo e minucioso estudo que se estende por 73 páginas. Dessas, 18 são dedicadas à edição dos textos envolvidos e à reconstituição da provável ordem da polémica; oito, aos sentidos que a palavra *ama* tinha na Idade Média, com um excuro informativo sobre as amas reais; mais oito, à questão do local onde se teria travado a polémica, com uma discussão das cortes realizadas em Santarém em 1273 por Afonso III e da possibilidade de relacionar-se o decreto real aludido na cantiga “Joam Garcia tal se foi loar” (CV 1024) à *Supplicatio* e *Declaratio*, de Guiraut Riquier, de 1274 e 1275, respectivamente; 22 páginas dedicam-se à biografia dos trovadores e jograis envolvidos na polémica: os dados relativos a Joam Soares Coelho são mais ou menos os mesmos que se apresentam posteriormente no segundo volume do *Cancioneiro da Ajuda*, sendo que estes últimos são mais específicos no que diz respeito à documentação em que aparece Joam Soares como testemunha e à sua árvore genealógica; as páginas finais trazem

uma curta conclusão, retomando alguns dos pontos discutidos anteriormente, e um glossário de palavras “obscuras, estranhas ou notáveis” (206). As conclusões são muito prudentes: “Chegamos ao final, sem termos conseguido resultados evidentes. Por isso recapitularei brevemente o que disse. Não se estabeleceu um ponto cronológico fixo para a questão das amas, embora possamos delimitar mais ou menos o período de vida dos implicados. Como certo só podemos considerar que teve lugar entre 1241 e 1284...” E mais adiante, retomando a data da *Declaratio* (1275), que balizaria talvez uma possível datação do ciclo, observa: “Mas se se encontrasse um decreto anterior sobre os trovadores, dos anos 1240-1248, eu estaria pela fixação dessa data mais antiga, porque se podem alegar razões para uma estada de Vuitorom, de Esgaravunha e Coelho em Espanha naquela época, e porque procedem desse tempo as queixas de Abril Peres sobre a arrogância dos jograis a soldo, que atravessaram as barreiras que os deviam separar dos diletantes nobres” (204).

Os estudos biográficos sobre os trovadores receberam nas últimas décadas do século XX um impulso renovador, graças aos trabalhos de historiadores como José Mattoso e António Resende de Oliveira. José Mattoso reviu, por exemplo, as informações referentes a Joam Soares Coelho, descobrindo um dado fundamental: que o trovador não era, como julgava Carolina Michaëlis, um magnata do reino de Afonso III, mas pertencia a um ramo menor, por via bastarda, da ilustre família de Ribadouro, descendente do herói Egas Moniz. António Resende de Oliveira manteve essa interpretação no seu livro *Depois do espectáculo trovadoresco*, mas introduziu por outro lado uma nova hipótese sobre a data de morte de Fernão Garcia Esgaravunha, um dos participantes na polémica da ama: segundo os documentos que consultou, Fernão Garcia deixa de aparecer na documentação régia em janeiro de 1251, donde conclui que teria morrido pouco depois disso. Essa informação é importante para o nosso assunto, porque, conforme nos diz A. Resende de Oliveira, “a data da sua morte faz recuar para a década de quarenta a sátira que compôs a propósito da ama cantada por João Soares Coelho e, com ela, todas as que versaram sobre o mesmo tema.” Continua, porém: “As referências a Burgos e a Carrión sugerem, por outro lado, que este ciclo de cantigas deve ter sido produzido nessa região de Castela, o que se acorda com a biografia de João Soares Coelho...” (340-1). Essas últimas palavras coincidem com a hipótese proposta por Carolina Michaëlis que, no entanto, via-se quase forçada a propor a data posterior de 1274 por causa da referência às cortes de Santarém e a um “decreto” do rei, regulamentando os emissores e destinatárias das cantigas de amor, segundo as suas respectivas classes sociais. Nem José Mattoso nem A. Resende de Oliveira parecem ter utilizado o texto da *Randglosse I*, mas apenas o do volume II do *Cancioneiro da Ajuda*, o que não prejudica as suas conclusões, uma vez que, como já vimos, as informações biográficas sobre João Soares Coe-

lho em ambos os textos são bastante coincidentes. Os dados referentes a Fernão Garcia Esgaravunha, por sua vez, são também próximos em ambos os textos michaëlianos, com a única diferença de que na *Randglosse* se afirma que o trovador e sua mulher, D. Urraca Abril, já estavam mortos em 1284 (194).

À outra grande questão provocada pela polémica, ou seja, o sentido preciso da palavra “ama” e a sua possível e exata referência histórica, dedicaram-se dois trabalhos importantes nos anos 96 e 98. O primeiro, de Ângela Correia: “O outro nome da ama: uma polémica suscitada pelo trovador Joam Soares Coelho”, e o segundo, de Vicenç Beltrán: “Tipos y temas trovadorescos, XV. Johan Soarez Coelho y el ama de don Dinis”. Ambos os artigos propõem, contradizendo a interpretação tradicional do sentido de “ama” na cantiga como mulher de condição social mais baixa, que a “ama” cantada por Joam Soares era uma mulher nobre, com o encargo especial de ser ama de filho de rei. Ângela Correia identifica-a como Urraca Guterres, filha de Guteire Soares Mocho, que foi ama de Fernando IV, nascido em 1295. Não vou deter-me nas dificuldades cronológicas, que já foram apontadas por Vicenç Beltrán no seu mencionado artigo. Quero salientar apenas que a identificação de Urraca Guterres Mocha como a “ama” da cantiga baseia-se fundamentalmente num argumento linguístico, ou seja, o facto de um tipo de coruja ou mocho (a *strix nocturna*) ser conhecido na Idade Média pelo nome latino de “amma”, conforme se anota nas *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha: “Joam Soares Coelho estaria assim a referir-se não a uma ama mas a uma mulher nobre a quem por alcunha chamavam (como é repetidamente afirmado nas suas cantigas) ‘amma’ (Mocho)” (54). Embora a *Randglosse I* esteja citada no artigo (nota 10) e se mencione a elucidação dos diversos sentidos de “ama” e as referências a várias amas de filhos de rei feitas por Carolina Michaëlis, chama a atenção que não se remeta o leitor para a referência específica da filóloga àquele termo zoológico e à sua opinião de que Joam Soares provavelmente não o conhecia: “a curiosa derivação isidoriana do latim *amma* (no sentido figurado de coruja) de *amare* certamente não era conhecida do trovador português, a não ser de maneira espontânea, ao modo usual do leigo que tivesse unido ambas as raízes homônimas etimologicamente” (n. 4, p. 149). Essa pequena nota leva-nos ainda uma vez a reconhecer como os textos de Carolina Michaëlis nos oferecem surpresas e têm que ser lidos quase que com o espírito de um minerador, à cata daquelas mais pequenas partículas que já levavam a hipóteses pioneiras e a relações inesperadas.

O texto de Vicenç Beltrán também procura identificar a “ama” da cantiga como ama de filho de rei e, como os demais trabalhos do autor, impressiona pela quantidade de informações novas aduzidas e pelo seu manejo perspicaz. A minha intenção aqui é apenas apontar que as citações e comentários da *Randglosse I* presentes no trabalho nem sempre fazem justiça ao espírito rigoroso e prudente que

caracteriza o texto michaeliano. Por exemplo, Beltrán contesta a vinculação que Carolina Michaëlis teria estabelecido entre a normativa real mencionada numa das cantigas e a *Supplicatio* e *Declaratio* de Guiraut Riquier (19). Ora, como já dissemos antes, Carolina Michaëlis é muito prudente nas suas conclusões: assim, depois de tentar coordenar cronologicamente as duas composições com a data da polémica das amas, observa: “por mais infalível que seja a lembrança da *Supplicatio* e *Declaratio* sobre os escalões hierárquicos entre os distintos poetas para alguém mais ou menos familiarizado com a literatura provençal, o seu conteúdo *desvia-se contudo muito consideravelmente das disposições mencionadas nas cantigas portuguesas*. (...) O decreto do que fala Coelho afectava antes o comportamento dos poetas diante das mulheres e continha a disposição “só se deve permitir aos melhores trovadores nobres cantar a mulheres nobres – *ricas donas e infanções* – mas o *coteife* deve ficar com a sua *coteifa*, o *vilão* com a sua *vilã*” (176-177). (Sublinhados meus) E já observamos também que nas conclusões à *Randglosse I*, a filóloga manifesta a sua preferência por uma datação anterior, caso se pudesse encontrar outro decreto substitutivo.

Ainda em outro momento, a propósito da cantiga de Pero Garcia Buralês, na que se menciona a uma “Rainha franca”, afirma o estudioso catalão: “Creo que no se ha reparado en el valor de este testimonio histórico. Doña Carolina parece haberlo pasado por alto en el estudio del trovador” (27). Ora, é verdade que Carolina Michaëlis não o menciona na biografia de Pero Garcia no volume II do CA, mas no segmento da *Randglosse I* que lhe dedica diz claramente, com a sua característica prudência e amplitude de informação: “... não posso dizer qual rainha espanhola ou portuguesa podemos identificar como a *Rainha Franca*. Se seria, como eu suponho, Jeanne de Ponthieu, a madrastra de Don Arrigo, que não se sabe com certeza quando voltou de Castela à sua pátria; ou Beatrix von Schwaben (†1238), a esposa do rei Fernando? ou D. Beatriz de Castela, a filha de Afonso X e esposa de Afonso III...” (185). E na nota 7 da mesma página, continua: “CB. 222 (= 207) *porque se foi a rainha franca* (em rima com *branca*). Se se lesse com assonância a *França*, ganharíamos ainda um ponto a mais para Jeanne de Ponthieu. A palavrinha *franca* tinha um formoso duplo sentido. Também se pensa nessa princesa noutra cantiga (CV. 1008), onde ela mesma é apresentada, em 1259, como intercessora a favor do seu enteado D. Arrigo, expulso da terra”.

Não é minha intenção aqui apontar o dedo acusador para estudos alheios, nem contestar o valor das suas contribuições, que aliás não são afectadas pelas omissões referidas. O que desejo é provar, se isso ainda fosse preciso, ou enfatizar a necessidade de que se coloquem ao alcance dos estudiosos da lírica galego-portuguesa – em tradução e em edição acessível – essas *Glosas Marginais* tão fundamentais para todos nós.

O desejo de realizar esse trabalho persegue-me há vários anos, mas as dificuldades que ele levanta fizeram com que o projecto fosse sendo adiado, à espera de condições mais propícias. Finalmente, há coisa de um ano conseguiram-se reunir condições que nos parecem as indispensáveis, depois de várias tentativas frustradas. E assim é com alegria que posso informar que está em andamento actualmente um projecto, a cargo de uma equipa de investigadores da Galiza, de Portugal e do Brasil, subsidiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e pela Xunta de Galicia, para realizar o trabalho de tradução, análise e edição desses textos. Esse projecto culminará, conforme o previsto, na publicação dos textos das *Randglossen* traduzidos para português, precedidos de estudos sobre a vida e as contribuições de Carolina Michaëlis para o conhecimento da lírica galego-portuguesa. Se os deuses que presidem aos trabalhos filológicos nos forem favoráveis.

Yara Frateschi Vieira
(UNICAMP/Univ. de Santiago de Compostela)

REFERÊNCIAS

- BELTRÁN, VICENC. “Tipos y temas trovadorescos, XV. Johan Soarez Coelho y el ama de don Dinis”. *Bulletin of Hispanic Studies*, 75:1, Jan. 1998, 13-43.
- Cancioneiro da Ajuda*. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpr. da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. 2 vols.
- CORREIA, ÂNGELA. “O outro nome da ama: uma polémica suscitada pelo trovador Joam Soares Coelho”. *Colóquio/Letras*, 142, Out.-Dez. 1996, 51-64.
- LAPA, MANUEL RODRIGUES. *Lições de Literatura Portuguesa: Época Medieval*. Coimbra: Coimbra Editora, 1970⁷, 186-88.
- MATTOSE, JOSÉ. “João Soares Coelho e a Gesta de Egas Moniz.” In: *Portugal Medieval: Novas interpretações*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- OLIVEIRA, ANTÓNIO RESENDE DE. *Depois do espectáculo trovadoresco*. Lisboa: Ed. Colibri, 1994.
- VASCONCELOS, CAROLINA MICHAELIS. *Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch* (I-XV). In: *Zeitschrift für romanische Philologie*, 1896-1905.
- VIEIRA, YARA F. “O escândalo das amas e teccdciras nos cancioneros galego-portugueses”. *Colóquio/Letras*, III (1983) 19-25.